

Abordar o tema “Animais” no Pré-Escolar: tendências e recomendações

António Almeida

Escola Superior de Educação de Lisboa (CIED)

Os animais são um tema abordado recorrentemente no pré-escolar. De facto, desde cedo, as crianças contactam com diferentes animais de forma directa e também com as suas representações em termos iconográficos. Esta comunicação justifica esta apetência em parte com base na hipótese de *biofilia* proposta por Edward Wilson e que defende a existência de uma predisposição genética nos seres humanos para com os outros seres vivos, que se pode traduzir por uma forte relação empática, mas também pela manifestação de algumas tendências biofóbicas. Todavia, evitando um qualquer determinismo genético excessivo, defendemos caminhos para uma abordagem mais rica deste tema pelos educadores de infância, de forma a acentuar a dimensão empática e a ampliar o conceito de animal, com frequência sobreposto com o de mamífero ou ave.

Introdução

Desde tenra idade que as crianças contactam directamente com diferentes animais e, especialmente, no caso de crianças de meios urbanos e suburbanos, com as suas representações em termos iconográficos. Muitos dos objectos que povoam o mundo das crianças são reproduções mais ou menos fantasiadas, mais ou menos antropomorfizadas de animais. Ainda assim, muitas delas imitam algumas das características reais dos seres vivos, com destaque para a forma do corpo, a cor e o tipo de revestimento, embora o façam muitas vezes de modo estilizado, podendo apesar disso inferir-se ainda com frequência o seu modo de locomoção e o ambiente natural a que pertencem.

De entre os objectos que representam animais, destacamos os que acompanham as crianças no banho, quer em casa, quer na praia, e os inevitáveis peluches presentes nas situações mais diversas do seu quotidiano. A iconografia com animais é indissociável também dos diversos processos de estampagem que decoram vestuário, roupa de cama, quebra-cabeças, bolas, brinquedos insufláveis, jogos didácticos diversos, peças de mobiliário e até instrumentos musicais.

Claro que os animais não são o único “motivo” presente em brinquedos, mobiliário e elementos decorativos diversos que embelezam o quarto de muitas crianças ou as salas de muitos jardins-de-infância. Mas a sua frequência obriga-nos a procurar razões que justifiquem uma tal preferência, partindo do princípio de que a mesma não é fruto do acaso.

Uma resposta simples, mas pouco esclarecedora, corresponderia a afirmar que as indústrias de brinquedos, de material didáctico, ou de mobiliário infantil, nada

mais fazem do que ir ao encontro do gosto das crianças. Mas se é assim, importa averiguar por que manifestam elas uma tão acentuada preferência pelos objectos que representam animais ou que incluem a sua imagem.

Uma justificação plausível é-nos avançada por Wilson (1984, 1993), que defende que os seres humanos manifestam uma filiação inata para com as outras formas de vida, obtida através de um processo de coevolução genes-cultura. Esta tendência decorre de uma necessidade humana que foi desperta no decurso do processo evolutivo, e manifesta-se perante os seres vivos mais diversos, independentemente do seu grau de complexidade. Por exemplo, muitas crianças focalizam a sua atenção em minhocas, formigas e outros insectos que encontram, e revelam até alguns comportamentos destrutivos perante estes seres; encerram-nos em frascos ou mutilam-nos através do arranque de asas e outros apêndices articulados. Todavia, embora possam ser considerados actos de “crueldade” infantil, não passam frequentemente de manifestações da curiosidade das crianças, fruto da intensa relação empática que estabelecem também com as formas de vida mais simples. E como refere Katcher e Wilkins (1993) a propósito de tendências destrutivas, crianças que atiram pedras a pássaros e crianças que os alimentam estão ambas a responder à predisposição inata para focalizar a sua atenção em seres vivos.

Assim, os aspectos inatos moldados obrigatoriamente pela aprendizagem inserem-se num espectro alargado de reacções que vai da atracção à aversão, do temor à indiferença, da pacificação ao medo ansioso pela natureza e por alguns dos elementos que a constituem. De facto, podemos imaginar que a fuga activa e a evitação devem ter sido dos primeiros comportamentos adaptativos manifestados pelos seres humanos, com a finalidade de diminuir situações de risco em ambientes que lhes eram hostis, o que terá certamente configurado alguma vantagem durante o curso da evolução.

A comprovação científica da tendência da *biofilia* tem ocorrido especialmente nas suas manifestações biofóbicas, nos campos de investigação da psicologia clínica e psiquiatria. Ulrich (1993) relata que há evidência considerável de que as pessoas dão respostas defensivas mais fortes perante medos naturais pré-modernos, como a cobras e aranhas (comportamento comum também a outros primatas), do que a estímulos modernos bem mais perigosos, como a armas e sistemas electrificados. Simplesmente, tendências aversivas são as menos relevantes quando se pretende demonstrar uma ligação globalmente positiva para com os elementos naturais. Aliás Ulrich reconhece esta limitação e justifica-a por a pesquisa centrada em respostas positivas para com a natureza se encontrar menos desenvolvida devido à dificuldade de implementar estudos de condicionamento positivo, comparativamente aos de comportamento aversivo. Ainda assim, apesar das limitações comprovativas, este quadro explicativo revela algum interesse porque procura justificar não só as manifestações de empatia das crianças para com o mundo vivo, mas também alguns dos medos que estas manifestam praticamente desde o seu nascimento.

Como Papalia, Olds e Feldman (2001) explicam, a natureza destes medos tem uma origem diversa. Uns decorrem da natureza fantasista das crianças que por vezes se mostram preocupadas perante a possibilidade de serem atacadas por um



leão, mesmo sendo crianças de um meio urbano, de um país em que tais animais só se encontram eventualmente no jardim zoológico mais próximo. Outros, como o medo real por animais, decorrem da avaliação de um perigo pela criança, como o poder ser mordida por um cão, avaliação essa influenciada pelas situações reais em que vivenciou uma qualquer experiência traumática. No entanto, outros receios são aparentemente mais difíceis de explicar, como o manifestado por cobras e por outros animais rastejantes, e que a interpretação da *biofilia* permite situar ao nível das respostas inatas do ser humano.

Claro que, durante a maior parte da história da humanidade, as crianças mantiveram uma experiência continuada de contacto directo com diferentes animais. Esse contacto terá possibilitado uma aprendizagem conducente a ultrapassar muitos dos medos irracionais, eventualmente codificados geneticamente.

Mas com a Revolução Industrial, e especialmente a partir da segunda metade do século XX, o aumento da população urbana atenuou drasticamente esse contacto directo e substituiu-o pelo contacto indirecto, através de visitas a locais onde a natureza é gerida, como parques, jardins zoológicos e aquários, e pelo contacto simbólico, através de representações veiculadas pelos media, e pelas indústrias de brinquedos e de outros artefactos para crianças. Com esta mudança, as formas de combater algumas das fobias mais frequentes deixaram de passar exclusivamente pela experiência derivada do contacto directo com os seres e deve ser pensada de forma mais integrada.

O contacto com animais no decurso da infância

Verificámos como a *biofilia* pretende afirmar-se como uma hipótese que justifica uma ligação privilegiada para com o mundo vivo, e que explica ainda algumas das manifestações biofóbicas que se manifestam nos seres humanos desde tenra idade. Contudo, apesar de durante a infância as crianças contactarem com diferentes animais, e, em particular, cada vez mais com as suas representações iconográficas, há notoriamente grupos de seres vivos que se destacam pela sua presença assídua em múltiplos contextos. De entre estes grupos destacamos o dos animais domésticos e o dos animais da savana.

Alguns animais domésticos partilham a residência de muitas crianças. Tradicionalmente, as escolhas recaíam sobre cães e gatos, mas nos últimos anos o leque de possibilidades tem vindo a alargar-se e a incluir até animais considerados exóticos, como por exemplo as iguanas. Também ao nível do contacto directo, tem sido possibilitada a muitas crianças de meio urbano a observação de animais do mundo rural, principalmente através de deslocações às denominadas quintas pedagógicas. Ainda assim, não deixa de ser um contacto esporádico, bem diferente do contacto continuado vivenciado pelas crianças do meio rural. Estas visitas visam promover a empatia com outros seres vivos, mas encerram em simultâneo um lado perverso, uma vez que muitos dos animais das quintas nos servem de alimento. Além disso, justificam-se muitas vezes pelo efeito benéfico que exercem nas crianças. Basta lembrar a este respeito as técnicas de terapia com animais que são implementadas para combater disfunções variadas em crianças. E na



sequência destas intenções é impossível não enquadrar estas visitas na matriz antropocêntrica que nos domina e que visa essencialmente pôr em relevo o valor instrumental dos animais para uso humano.

De um ponto de vista iconográfico, os animais domésticos são igualmente escolhidos com frequência, além de constituírem uma presença cativa na literatura para a infância. Neste campo importa destacar a diversidade de publicações centradas especificamente no tema “Animais da Quinta”, nas quais as suas vidas são retratadas de um modo invariavelmente feliz, algo que cada vez mais se afasta da realidade vivenciada por estes animais, principalmente quando as quintas já abandonaram os métodos tradicionais de produção.

No que se refere à presença assídua no mundo das crianças dos animais da savana, esta revela-se de justificação mais complexa. Desde logo parece-nos decorrer de uma maior apetência humana por animais de grande porte, à semelhança aliás do que acontece com a preferência por alguns dos animais domésticos. Por exemplo, Kellert (1993) destaca investigação que aponta para um gosto acentuado dos norte americanos por grandes vertebrados. Mas de entre eles, os animais da savana africana, com destaque para elefantes, girafas, rinocerontes, hipopótamos e leões, parecem merecer a preferência de crianças e adultos. Também aqui, os locais que possibilitam o contacto directo com os animais incentivam (ou são fruto) desta preferência. De facto, os animais da savana são uma presença inevitável em praticamente todos os jardins zoológicos do mundo, figurando ainda em outros parques que mantêm os animais em situação de semi-cativeiro, como é o caso em Portugal do conhecido *Badoka Park*. De um ponto de vista iconográfico, estes animais estão presentes nos mais diversos tipos de artefactos, e são ainda uma presença recorrente nos contos infantis.

Para esta preferência, também a hipótese da *biofilia* sugere algumas explicações, uma vez que tem sido testada igualmente em relação à preferência por determinadas paisagens. Como salienta Ulrich (1993), muitos estudos indicam que as pessoas das sociedades ocidentais e orientais manifestam um acentuado gosto estético por lugares com moderada e elevada profundidade visual, comparativamente a ambientes que permitem um menor campo visual. Em termos evolutivos, pode relacionar-se com a vantagem das savanas, comparativamente às florestas tropicais, terem proporcionado uma maior abundância de alimento disponível e permitido uma visualização mais conseguida dos animais considerados perigosos.

Alguns desafios aos educadores

A tese da *biofilia* oferece-nos um quadro explicativo interessante que pode explicar afinidades, e também algumas fobias, para com diferentes seres vivos e até paisagens. Todavia, o determinismo genético inerente à hipótese de Wilson deve ser encarado como uma tendência que pode ser acentuada ou anulada no processo de socialização das crianças. Por isso, concordamos com Kahn (1999, 2002) que não se trata de negar a influência genética na afinidade para com a natureza, mas sim de atribuir um papel ainda mais relevante ao contexto sociocultural. Neste âmbito parecem-nos adquirir um especial relevo todas as



actividades planeadas por educadores de infância que contribuam para integrar hierarquicamente, numa estrutura mais ampla e globalizante, orientações quer positivas quer negativas para com os diferentes seres vivos. Em tal estrutura, as manifestações biofóbicas podem até não desaparecer, mas vão-se ajustando e perdendo significado à medida que as crianças adquirem uma compreensão mais alargada do mundo que as rodeia.

Com esta finalidade é necessário que o tema referente aos animais seja abordado desde o pré-escolar de uma forma mais diversificada e consistente. Para tal, apresentamos um leque de sugestões que nem sequer obrigam a romper com as abordagens (quase) inevitáveis dos animais domésticos e da savana, e que pode ser fomentada através dos três tipos de contacto a que demos destaque: o directo, o indirecto e o simbólico.

1-Adoptar animais em contexto de sala ou escola

Esta estratégia oferece a enorme vantagem de promover o contacto efectivo com animais e não meramente com as suas representações iconográficas, envolvendo as crianças nos cuidados que contribuem para o seu bem-estar. As tarefas deles decorrentes ajudam-nas a perceber as necessidades, desejos e vontades dos animais e que são independentes do interesse que possamos manifestar por eles. É verdade que esta sugestão pouco rompe com as tendências já descritas, uma vez que irá certamente incidir, na maior parte dos casos, em alguns dos animais domésticos (cães, gatos, coelhos, etc.). Mas o desafio advém também das escolhas e das condições fornecidas aos animais seleccionados. Por isso, pensamos que o valor desta experiência passa também por evitar os chamados animais exóticos, provenientes de outros ecossistemas, e que deveriam permanecer em liberdade nos seus locais de ocorrência, mesmo sabendo que muitos deles são já fruto de reprodução em cativeiro. Importa ainda reflectir acerca do valor educativo associado à manutenção de pássaros em pequenas gaiolas como acontece em alguns jardins-de-infância.

2-Abordagem de espécies selvagens ibéricas

Decorrente das críticas que encetámos até agora, suspeitamos que as crianças em idade pré-escolar possuam um conhecimento excessivamente limitado das espécies animais existentes, e suspeitamos que esse desconhecimento se generaliza em relação às nossas espécies autóctones. De facto, se muitas crianças identificam com facilidade os animais da savana, muitas delas nunca ouviram falar e/ou nunca observaram alguns dos animais de maior porte da avifauna ibérica, como ginetas, sacarabos, lobos, lontras, javalis, texugos, gamos ou veados, no caso dos mamíferos, ou perdizes, falcões, águias, mochos ou grifos, no caso das aves. Até a “conhecida” raposa, presença recorrente em muitos contos infantis, suspeitamos nunca ter sido observada por muitas das nossas crianças de meios urbanos. Para esta situação contribui um menor destaque comparativo das representações destes seres no material didáctico disponível e nos diversos artefactos a que demos destaque. Além disso, os parques com animais preferem



incluir outros animais no seu elenco, e mesmo que um ou outro local os contemple (há por exemplo lontras no Oceanário e lobos no Jardim Zoológico de Lisboa) nunca adquirem a visibilidade dos já citados animais da savana. Com o objectivo da sua observação directa, a Tapada de Mafra, na região de Lisboa, revela um imenso potencial, com a vantagem de manter uma parte significativa dos animais em liberdade. Os parques e reservas naturais são locais igualmente relevantes para a observação de vários dos animais citados, e contribuem para que as crianças comecem a perceber que o encontro fortuito com as formas de vida animal é uma experiência de um valor comparativamente superior ao do contacto com animais enjaulados e mantidos cativos para o nosso belo prazer, como se as suas vidas se resumissem ao valor instrumental que delas retiramos. Além disso, o sucesso destas observações ocasionais em meio natural depende do nosso empenho e comportamento, algo que necessita de aprendizagem.

3-Contacto com animais menos complexos

O alargamento do conceito de animal no pré-escolar, muito sobreposto com os conceitos de mamífero e ave, impõe o planeamento de actividades que ponham as crianças em contacto com formas de vida menos complexas. Trata-se aliás de incentivar a curiosidade frequentemente manifestada pelas crianças por pequenos invertebrados e vertebrados mais simples, como peixes e anfíbios. De um ponto de vista iconográfico, importa incluir estes seres em materiais didácticos, ultrapassando a presença usual de peixes e rãs, assim como de insectos como as formigas, borboletas e abelhas, que invadem igualmente muitas histórias no âmbito da literatura para a infância. Em termos de contacto directo, os seres vivos menos complexos oferecem a enorme vantagem de poderem ser observados com facilidade em jardins, e até nos espaços ajardinados de jardins-de-infância, quando estes os possuem. Alguns espaços onde a natureza é gerida também privilegiam algumas destas formas de vida, como é o caso dos aquários. Os diferentes parques e reservas naturais oferecem um potencial enorme, uma vez que permitem quase sempre um contacto com seres dos mais diversos grupos taxonómicos.

4-Contacto com animais com má fama por razões culturais ou sujeitos a manifestações biofóbicas frequentes

Em todas as regiões e países alguns animais adquiriram má reputação, fruto de lendas, fábulas e superstições variadas. Quase sempre estas crenças não oferecem qualquer fundamento e ignoram com frequência o mérito ecossistémico destes seres. Há assim animais cuja reputação urge melhorar e nos quais incluímos os aracnídeos, os répteis e os morcegos. Como também é facilmente perceptível, alguns destes seres são, em simultâneo, fruto das manifestações biofóbicas que Wilson admite possuírem um carácter hereditário, o que só acentua a referida necessidade.

As aranhas, e suas teias, são uma presença regular em termos iconográficos, o que pode revelar-se positivo quando essas representações transmitem uma



imagem positiva destes seres. Por outro lado, é fácil seguir a actividade construtora destes animais, dado que se encontram com facilidade tanto em espaços naturais como em jardins onde a natureza é gerida. É raro não nos sentirmos fascinados pela perícia destes seres, e estes actos contemplativos pensamos reverterem-se positivamente no modo de os encararmos. Curiosamente, algumas superstições associadas a aranhas podem até revelar-se vantajosas para a sua preservação, uma vez que se crê que quando as encontramos fortuitamente, e se não exercermos qualquer interferência danosa, desse encontro advém boa sorte ou dinheiro. Quem disse que todas as superstições são inimigas dos animais?

Os répteis, particularmente as cobras, não têm tanta sorte ao nível das superstições que as favoreçam. Ainda assim, a sua utilização metafórica e inclusão em histórias, mitos e como símbolos religiosos, não deixa de significar a manifestação de um claro fascínio por estes animais. Papalia, Olds e Feldman (2001) relatam-nos um estudo com crianças que evidenciou que estas ultrapassaram o seu medo de cobras após um contacto regular e directo com estes animais. Todavia, este tipo de experiências são frequentemente confinadas a projectos de investigação, e dificilmente fazem sentido numa perspectiva de trabalho a efectuar pelos educadores. Por isso, o contacto directo com estes animais dificilmente pode ultrapassar os encontros esporádicos em meio natural, ou então pode decorrer de deslocações a locais que os mantêm em cativeiro, como é o caso do Jardim Zoológico de Lisboa. No entanto, importa que fique claro que não reconhecemos particular valor educativo a espaços que mantêm os animais encarcerados para nosso usufruto, mesmo que atenuem algumas tendências biofóbicas.

Os morcegos têm sido também particularmente perseguidos, fruto das histórias de vampiros e com o contributo do seu voo em trajectória irregular que contribui para assustar quem deles se aproxima. Todavia, os morcegos que ocorrem em Portugal são insectívoros quanto ao seu regime alimentar e desempenham um importante papel ecossistémico na regulação do número de insectos, contribuindo para a diminuição dos que se revelam verdadeiras pragas para a agricultura ou são vectores de doenças. Embora possam ser facilmente observados em áreas urbanas, a sua associação a grutas não favorece a observação directa destes animais, se atendermos a que estes locais também inspiram medo a muitas crianças (o medo do escuro é outro dos medos frequentes). Ainda assim, este facto não invalida que os educadores encontrem as melhores estratégias que possibilitem a observação directa destes animais, podendo ainda preparar materiais ou ler histórias que promovam uma relação empática com os mesmos.

Demos algumas sugestões que visam alargar o conhecimento da diversidade de animais que existem no planeta em crianças em idade pré-escolar. Alguns educadores já compreenderam a importância do seu papel nesta finalidade, assim como na transmissão de uma imagem mais positiva das diferentes formas de vida. Importa agora que a preocupação se generalize a mais profissionais e que cada um encontre a melhor maneira de responder ao desafio lançado, tendo naturalmente em conta os aspectos culturais da região onde exerce a sua profissão e as características das crianças com quem trabalha.



Referências

Kahn, P. H., Jr. (1999). *The Human Relationship with Nature. Development and Culture*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

Kahn, P. H., Jr. (2002). Children's Affiliations with Nature: Structure, Development, and the Problem of Environmental Generational Amnesia. In P. H. Kahn e S. R. Kellert (Eds.). *Children and Nature* (pp. 93-116). Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.

Katcher, A. e Wilkins, G. (1993). Dialogue with Animals: It's Nature and Culture. In S. R. Kellert e E. O. Wilson (Eds.). *The Biophilia Hypothesis* (pp. 173-197). Washington: Island Press.

Kellert, S. R. (1993). The Biological Basis for Human Values of Nature. In S. R. Kellert e E. O. Wilson (Eds.). *The Biophilia Hypothesis* (pp. 42-69). Washington: Island Press.

Papalia, D. E., Olds, S. W. e Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. Amadora: McGraw-Hill.

Ulrich, R. S. (1993). Biophilia, Biophobia, and Natural Landscapes. In S. R. Kellert e E. O. Wilson (Eds.). *The Biophilia Hypothesis* (pp. 73-137). Washington: Island Press.

Wilson, E. O. (1984). *Biophilia. The human bond with other species*. Cambridge: Harvard University Press.

Wilson, E. O. (1993). Biophilia and Conservation Ethic. In S. R. Kellert e E. O. Wilson (Eds.). *The Biophilia Hypothesis* (pp. 31-41). Washington: Island Press.

